

RANSOM RIGGS



BIBLIOTECA DE ALMAS

LIVRO III DA SÉRIE

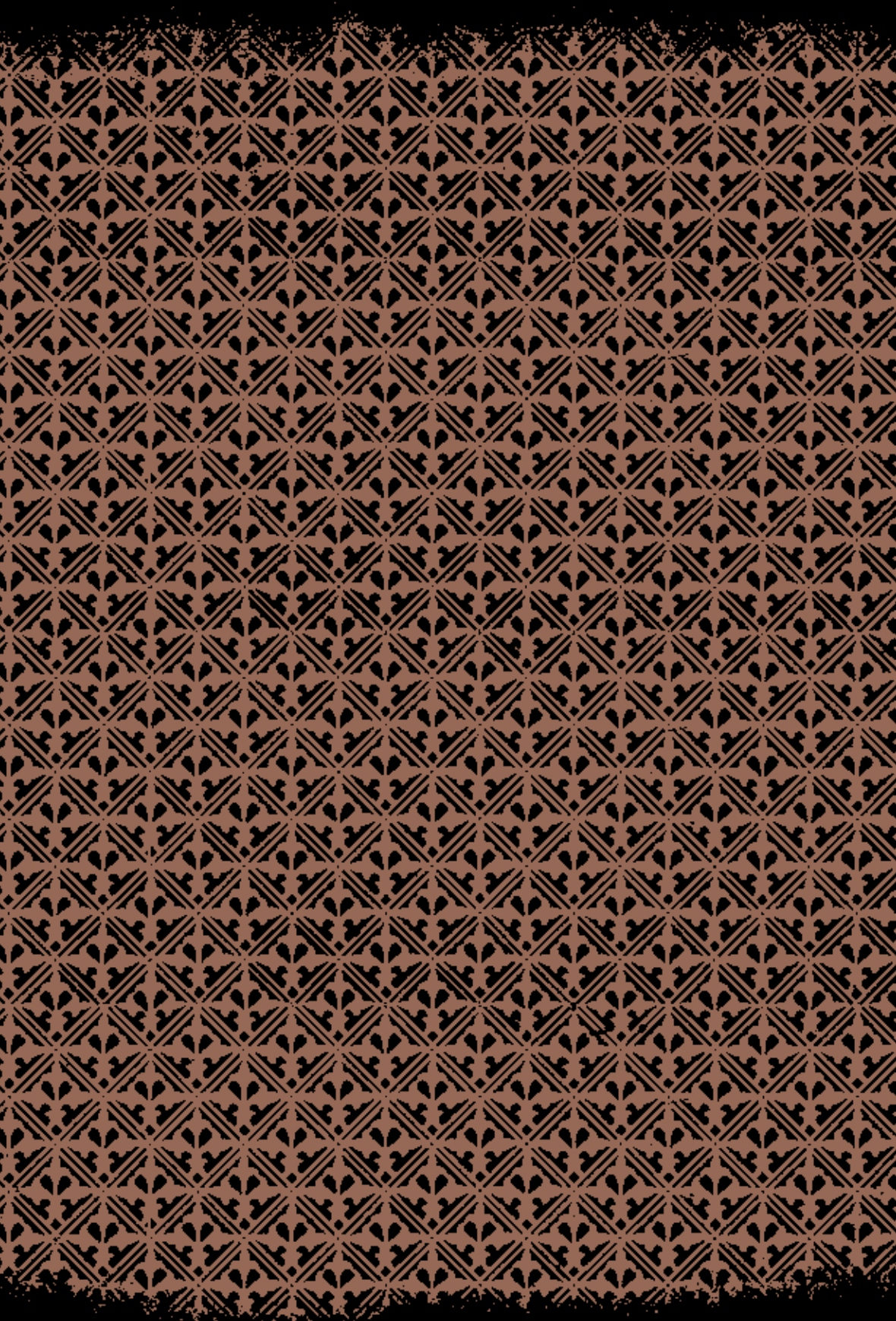
O LAR DA SRTA. PEREGRINE

PARA CRIANÇAS PECULIARES

intrínseca



BIBLIOTECA
DE ALMAS





RANSOM RIGGS



BIBLIOTECA DE ALMAS

==== LIVRO III DA SÉRIE ====

O LAR DA SRTA. PEREGRINE

==== PARA CRIANÇAS PECULIARES ====

Tradução de Fernando Carvalho



Copyright © 2015 by Ransom Riggs
Todos os direitos reservados. Publicado originalmente em inglês pela
Quirk Books, Filadélfia, Pensilvânia, mediante acordo com a Ute Körner
Literary Agent, S.L., Barcelona.
www.uklitag.com

TÍTULO ORIGINAL
Library of Souls

PREPARAÇÃO
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
André Marinho
Juliana Werneck

ARTE DE CAPA E PROJETO GRÁFICO
Doogie Horner

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

FOTO DE CAPA
Cortesia de John Van Noate

ADAPTAÇÃO DE IMAGENS
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R426b

Riggs, Ransom
Biblioteca de almas / Ransom Riggs ; tradução Fernando Carvalho. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
416 p. : il. ; 23 cm.
(O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares ; 3)

Tradução de: Library of souls
Sequência de: Cidade dos etéreos
ISBN 978-85-8057-966-6

1. Ficção americana. I. Carvalho, Fernando. II. Título. III. Série.

16-33203

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA MINHA MÃE



Os limites da terra, as profundezas do
mar, a escuridão do tempo,
você escolheu todos eles.

— E. M. Forster

GLOSSÁRIO DE
TERMOS PECULIARES



PECULIARES: Ramo oculto de qualquer espécie, seja humana ou animal, abençoado (e amaldiçoado) com traços sobrenaturais. Respeitados na Antiguidade, porém temidos e perseguidos em tempos mais recentes, os peculiares são párias que vivem nas sombras.



FENDA: Área em que um único dia se repete infinitamente. Criada e mantida por *ymbrynes* para abrigar seus protegidos peculiares, as fendas retardam indefinidamente o envelhecimento de seus habitantes. No entanto, os habitantes das fendas não são imortais: cada dia que “pulam” é uma dívida acumulada, a ser paga com um envelhecimento rápido pavoroso se eles permanecerem tempo demais fora da fenda.



YMBRYNES: Matriarcas transmorfas do reino peculiar. São encarregadas de proteger crianças peculiares. Têm os poderes de se transformar em aves quando bem entendem e de manipular o tempo. Na antiga língua peculiar, a palavra *ymbryne* (pronuncia-se *im-brin*) significa “revolução” ou “circuito”.



ETÉREOS: Ex-peculiares monstruosos, ávidos pela alma de seus antigos irmãos. São cadavéricos e ressequidos, exceto pelas mandíbulas musculosas, dentro da qual abrigam línguas poderosas como tentáculos. São especialmente perigosos por serem invisíveis a todos, com exceção de alguns poucos peculiares, dos quais Jacob Portman é o único vivo de que se tem conhecimento (seu falecido avô era outro). Até pouco tempo atrás, quando uma inovação recente ampliou suas habilidades, os etéreos não podiam entrar nas fendas, que, por isso, eram a moradia preferida dos peculiares.



ACÓLITOS: Um etéreo que consuma almas peculiares suficientes se transforma em um acólito, visível para todos e em tudo semelhante a uma pessoa normal, com uma exceção: os olhos sem pupilas, perfeitamente brancos. Brilhantes, manipuladores e habilidosos em se misturar, os acólitos passaram anos se infiltrando tanto na sociedade normal quanto na peculiar. Eles podem ser qualquer um: o balconista da mercearia, o motorista do ônibus, seu psiquiatra. Realizaram uma longa campanha de assassinato, medo e sequestro contra os peculiares, usando os etéreos como seus monstruosos assassinos. Seu objetivo final é se vingar e assumir o controle do mundo peculiar.



CAPÍTULO UM

O monstro estava parado a menos de uma língua de distância, os olhos fixos no nosso pescoço, o cérebro enrugado repleto de fantasias de assassinato. Sua fome por nós carregava o ar. Os etéreos nascem ávidos por almas de peculiares, e lá estávamos nós, parados diante dele como um bufê: Addison, que dava para devorar em uma só mordida, exalava firmeza junto aos meus pés, o rabo em posição de atenção, enquanto Emma estava apoiada em mim, ainda tão atordoada pelo impacto que não conseguiria produzir mais que uma chama de fósforo. Nós dois apoiávamos as costas na cabine telefônica. Olhando em volta do nosso círculo sinistro, a estação de metrô parecia uma boate que sofreu um atentado a bomba. Fantasmagóricas nuvens de vapor saíam apitando de canos estourados. Monitores quebrados pendiam do teto com partes quebradas. Um mar de vidro estilhaçado se estendia até os trilhos, refletindo o estroboscópio histérico das luzes de emergência vermelhas como uma gigantesca bola de espelhos. Estávamos cercados: de um lado, uma parede; do outro, vidro até os tornozelos. E a dois passos de uma criatura cujo único instinto natural era nos desmembrar — mas que não fez nenhum movimento para se aproximar mais. Parecia presa ao chão, balançando no lugar como um bêbado ou um sonâmbulo, a cabeça assassina meio caída, as línguas formando um ninho de cobras que eu fizera adormecer com um feitiço.

Eu. Eu tinha feito aquilo. Jacob Portman, um garoto insignificante de Lugar Nenhum, Flórida. Ele não ia nos matar naquele momento, aquele horror feito de uma compilação de trevas e pesadelos extraídos de crianças adormecidas, porque eu lhe pedira. Mandei, em termos bem claros, tirar a língua do meu pescoço. *Para trás*, ordenei. *Parado*, falei, em uma língua feita de sons que eu não sabia que uma boca humana era capaz de articular, e, milagrosamente, foi o que ele fez, os olhos me desafiando enquanto o corpo obedecia. De algum modo, eu havia domado o pesadelo, lançado um feitiço sobre ele. Mas criaturas

adormecidas acordam e feitiços passam, principalmente os que são lançados por acidente. Eu sentia o etéreo ferver por baixo de sua superfície plácida.

Addison cutucou minha canela com o focinho.

— Mais acólitos virão. Será que o monstro vai nos deixar passar?

— Fale com ele outra vez — disse Emma, com a voz debilitada e distante.

— Mande ele ir se ferrar.

Procurei as palavras, mas tinham se escondido.

— Não consigo.

— Você fez isso um minuto atrás — disse Addison. — Parecia um demônio falando por você.

Um minuto antes, quando eu nem sabia que conseguia fazer aquilo, as palavras estavam bem ali na ponta da minha língua, esperando para serem pronunciadas. Agora que eu as queria de volta, era como tentar pegar um peixe com as mãos: sempre que eu tocava em uma, ela escorregava entre meus dedos.

Vá embora!, gritei.

As palavras saíram no meu idioma mesmo. O etéreo nem se mexeu. Eu me empertiguei, olhei bem no fundo dos olhos negros dele e tentei outra vez.

Saia daqui! Deixe a gente em paz!

Mais uma vez, nada. O etéreo inclinou a cabeça como um cão curioso, mas, fora isso, era uma estátua.

— Ele foi embora? — perguntou Addison.

Os outros não podiam saber, pois só eu conseguia vê-lo.

— Continua aqui — respondi. — Não sei qual é o problema.

Eu me sentia ridículo e desolado. Será que meu dom tinha desaparecido assim tão rápido?

— Não importa — disse Emma. — De qualquer forma, não dá para argumentar com etéreos.

Ela estendeu a mão e tentou acender uma chama, mas o esforço pareceu esgotá-la. Segurei-a pela cintura com ainda mais cuidado, para que ela não caísse.

— Poupe suas forças, menina fósforo — disse Addison. — Tenho certeza de que vamos precisar de você.

— Vou lutar com as mãos frias se for necessário — disse Emma. — Só o que importa é encontrarmos os outros antes que seja tarde demais.

Os outros. Eu ainda podia vê-los desaparecendo junto dos trilhos: as roupas elegantes de Horace todas desarrumadas; a força de Bronwyn não sendo páreo para as armas dos acólitos; Enoch atordoado com o tiro; Hugh apro-

veitando o caos para tirar os sapatos pesados de Olive e deixar que flutuasse para longe dali; Olive pega pelo calcanhar e puxada para baixo antes que conseguisse escapar. Todos eles chorando de terror, chutados para dentro do trem sob a mira de armas, levados embora. Levados com a *ymbryne* que quase nos matamos para encontrar e que agora corria pelas entranhas de Londres rumo a um destino bem pior que a morte. *É tarde demais*, pensei. Já era tarde demais no momento em que os soldados de Caul atacaram o esconderijo congelado da srta. Wren. Já era tarde demais também na noite em que confundimos o irmão maligno da srta. Peregrine com nossa amada *ymbryne*. Mas jurei para mim mesmo que encontraríamos nossos amigos e nossa *ymbryne*, não importava quanto custasse, mesmo que houvesse apenas cadáveres para recolher, mesmo que com isso estivéssemos somando nossos corpos à pilha.

Bem, então: em algum lugar no escuro em que o vermelho piscava havia uma saída para a rua. Uma porta, uma escada, uma escada rolante ao longe, junto da parede mais distante. Mas como chegar até lá?

Saia da droga do nosso caminho!, gritei novamente para o etéreo, em uma última tentativa.

Nada, é claro. O etéreo bufou como uma vaca, mas não se mexeu. As palavras tinham se esvaído.

— Plano B — falei. — Ele não me escuta, então vamos dar a volta e torcer para que não se mexa.

— Dar a volta por onde? — perguntou Emma.

Para passarmos a uma boa distância dele, teríamos que atravessar pilhas de vidro, mas os cacos retalhariam as pernas nuas de Emma e as patas de Addison. Tentei pensar em alternativas: eu podia carregar Addison no colo, mas não teria como proteger Emma. Ou eu podia encontrar um pedaço de vidro comprido como uma espada e enfiar nos olhos da criatura — um recurso que já tinha dado certo uma vez —, mas, se não conseguisse matá-la de primeira, acabaria por despertar o monstro, e seríamos mortos. O único outro meio era passar pelo pequeno espaço sem vidro, entre o etéreo e a parede. Mas era estreito: trinta, no máximo quarenta centímetros de largura; muito apertado, mesmo que colássemos as costas à parede. Se fôssemos por ali, corríamos o risco de nos aproximar demais do etéreo, ou pior, encostar nele sem querer, o que poderia romper o delicado transe que o mantinha imobilizado. Porém, como não podíamos criar asas e passar por ali voando, esta última parecia ser nossa única opção.

— Você consegue andar um pouco? — perguntei a Emma. — Mesmo que mancando?

Ela firmou os joelhos e se soltou um pouco de mim, testando.

— Consigo ir mancando.

— Então vamos fazer assim: a gente passa de fininho por ele e segue encostado na parede até se enfiar por aquele espaço ali. Não é grande, mas se tomarmos cuidado...

Addison entendeu a ideia e se encolheu, voltando para dentro da cabine telefônica.

— Você acha mesmo que devíamos nos aproximar tanto assim dele?

— Provavelmente não.

— E se ele acordar enquanto...?

— Ele não vai acordar — falei, fingindo confiança. — Só não faça nenhum movimento brusco. E, não importa o que aconteça, não toque nele.

— Você agora vai ser nossos olhos — disse Addison. — Que a Ave nos proteja.

Escolhi um caco bem comprido no chão e o enfiei no bolso. Avançamos dois passos, inseguros, e alcançamos a parede, onde colamos as costas nas lajotas frias e começamos a seguir lentamente na direção do etéreo. Os olhos dele nos acompanhavam, fixos em mim. Depois de alguns aterrorizantes passos andando de lado, fomos engolidos por um cheiro de etéreo tão repugnante que meus olhos lacrimejaram. Addison começou a tossir. Emma cobriu o nariz com a mão.

— Só mais um pouco — falei, a calma forçada fazendo minha voz sair esganiçada.

Peguei do bolso o caco de vidro, segurando-o com a ponta para a frente, e dei mais um passo, depois mais um. Agora estávamos tão perto que, se eu esticasse o braço, podia tocar o etéreo. Ouvi o coração dele batendo dentro das costelas, a pulsação se acelerando a cada passo nosso. Ele estava lutando contra mim, tentando, com cada neurônio, se libertar do controle de minhas mãos atrapalhadas. *Não se mexa*, pensei. *Você é meu. Eu controlo você. Não se mexa.*

Encolhi o peito, me estiquei todo e encostei cada vértebra na parede, e fui andando assim, como um caranguejo, pelo estreito espaço que havia entre a parede e o etéreo.

Não se mexa, não se mexa.

Deslizar o pé, mover o corpo, deslizar o pé. Eu prendia minha respiração enquanto a do etéreo se acelerava, úmida e arquejante, expelindo uma sinistra névoa negra pelas narinas. O ímpeto de nos devorar devia ser excruciante para ele, assim como meu ímpeto de correr para longe dali. Mas ignorei esse impulso; fazer isso seria agir como uma presa, não como aquele que está no domínio do outro.

Não se mexa, não se mexa.

Mais alguns passos, pouco mais de um metro, e conseguiríamos. O ombro dele estava a um fio de cabelo do meu peito.

Não...

E ele se mexeu. Em um movimento rápido, girou a cabeça e se posicionou de frente para mim.

Meu corpo ficou rígido.

— Não se mexam — falei, dessa vez em voz alta, para os outros.

Addison enfiou a cara entre as patas; Emma congelou e apertou meu braço como um torno. Eu me preparei para o que estava por vir: as línguas do monstro, seus dentes, o fim.

Afaste-se, afaste-se, afaste-se.

Nada, nada, nada.

Passaram-se alguns segundos, durante os quais, sei lá como, não fomos mortos. Mas, pelos movimentos do peito subindo e descendo, a criatura tinha virado pedra outra vez.

Com cuidado, milímetro a milímetro, fui deslizando pela parede. O etéreo me acompanhou com sutis movimentos de cabeça, fixo em mim como a agulha de uma bússola, seu corpo em perfeita sintonia com o meu. Mas ele não nos seguiu, não abriu as mandíbulas. Se o feitiço que eu lançara tivesse sido quebrado, já estaríamos mortos àquela altura.

O etéreo apenas me observava, aguardando instruções que eu não sabia como dar.

— Alarme falso — falei.

Emma soltou um ruidoso suspiro de alívio.

Passamos pelo vão, nos desgrudamos da parede e saímos correndo o mais rápido que Emma conseguia se movimentar mancando. Quando tínhamos aberto alguma distância entre nós e o etéreo, olhei para trás. Ele tinha se virado completamente na minha direção.

Parado, murmurei. Muito bem.

Passamos por uma cortina de vapor, e a escada rolante surgiu à nossa frente, parada como uma escada normal, já que não tinha energia elétrica. Em volta brilhava um halo suave de luz do dia, um emissário tentador do mundo acima. O mundo dos vivos, o mundo de agora. Um mundo onde eu tinha pais. Os dois estavam ali, em Londres, respirando aquele ar. Daria para ir andando até eles.

Opa, e aí, tudo bem?

Impensável. Ainda mais impensável: menos de cinco minutos antes, eu tinha contado tudo a meu pai. Quer dizer, a versão resumida: *Eu sou como vovô Portman. Sou peculiar.* Eles não entenderiam, mas, pelo menos, agora sabiam. Minha ausência pareceria menos uma traição. Eu ainda ouvia meu pai implorando que eu voltasse para casa, e, enquanto seguíamos mancando na direção da luz, tive que lutar contra a vontade repentina de largar o braço de Emma e correr para lá, fugir daquela escuridão sufocante, encontrar meus pais e implorar por perdão, depois me deitar na cama do hotel caro deles e dormir.

Isso era o mais impensável de tudo. Eu jamais poderia voltar: eu amava Emma e tinha dito isso a ela. Não a deixaria para trás por nada. E não porque eu fosse nobre, corajoso ou cavalheiresco. Não sou nada disso. Eu tinha medo de ser partido ao meio se a deixasse para trás.

E os outros, os outros... Nossos pobres amigos, condenados. Precisávamos ir atrás deles, mas como? Não entrava um trem na estação desde o que os levaria embora, e, após a explosão e os tiros que abalaram o lugar, eu tinha certeza de que não chegariam outros. Assim, tínhamos duas opções, ambas terríveis: ir atrás deles a pé através dos túneis e torcer para não encontrar mais nenhum etéreo, ou subir pela escada rolante e encarar o que quer que estivesse a nossa espera lá em cima — muito provavelmente, um grupo de busca de acólitos —, depois nos reagruparmos e reavaliarmos nossa situação.

Eu sabia qual opção preferia. Estava farto da escuridão e mais ainda dos etéreos.

— Vamos subir — falei, conduzindo Emma na direção da escada rolante parada. — Vamos encontrar algum lugar seguro para planejar o que fazer. Enquanto isso, você recupera as forças.

— De jeito nenhum! — disse ela. — Não podemos simplesmente abandonar os outros. Não interessa como eu estou.

— Não vamos abandonar ninguém. Mas precisamos ser realistas. Estamos feridos e indefesos, e os outros devem estar a quilômetros de distância, já fora do metrô e a caminho de algum outro lugar. Como vamos encontrá-los?

— Do mesmo jeito que encontrei você — respondeu Addison. — Com meu focinho. Peculiares têm um aroma bastante único, sabe, que só cães de minha estirpe conseguem farejar. Você, por acaso, é de um grupo de peculiares com odor forte. O medo só aumenta o odor, eu acho, além da falta de banho...

— Então vamos atrás deles! — disse Emma.

Ela me puxou na direção dos trilhos com uma força surpreendente. Resisti, fazendo um cabo de guerra com nossos braços entrelaçados.

— Não, não... Os trens não estão mais circulando, não tem como. E se formos por ali a pé...

— Não me importa se é perigoso. Eu não vou deixá-los para trás.

— Não é só perigoso. É inútil. Eles já não estão por aqui. Emma!

Ela soltou o braço e saiu mancando na direção dos trilhos. Tropeçou, recuperou o equilíbrio. *Diga alguma coisa*, sussurrei para Addison, que deu a volta para bloquear o caminho de Emma.

— Infelizmente, ele tem razão. Se formos a pé, o rastro do cheiro de nossos amigos terá se dissipado muito antes que a gente consiga encontrá-los. Mesmo as minhas capacidades têm limites.

Emma contemplou o túnel, depois olhou para mim com uma expressão atormentada. Estendi a mão.

— Por favor, vamos embora. Não significa que estamos desistindo.

— Tudo bem — disse ela, com firmeza. — Tudo bem.

Mas quando começamos a caminhar na direção da escada rolante, alguém nos chamou do escuro, perto dos trilhos.

— Aqui!

A voz era fraca, mas familiar, com sotaque russo. Era o homem dobrável. No escuro, identifiquei suas formas amassadas junto aos trilhos, com o braço erguido. Ele tinha levado um tiro durante a confusão, e imaginei que os acólitos o houvessem enfiado no trem com os outros. Mas ali estava ele, acenando para nós.

— Sergei! — exclamou Emma.

— Você o conhece? — perguntou Addison, desconfiado.

— Era um dos peculiares refugiados da srta. Wren — falei, os ouvidos atentos ao som de sirenes distantes que ecoava lá embaixo, vindo da superfície.

Estava chegando problema, talvez problema disfarçado de ajuda, e temi que nossa melhor chance de sair dali sem transtornos estivesse escapando. No entanto, não podíamos simplesmente abandoná-lo.

Addison correu na direção do homem, desviando dos recifes mais profundos de vidro. Emma me deixou segurar seu braço outra vez, e seguimos a passos arrastados. Sergei estava caído de lado, coberto de vidro e sangrando. A bala o atingira em algum ponto vital. Seus óculos de armação de metal estavam rachados, e ele tentava arrumá-los para me enxergar direito.

— É um milagre, é um milagre — disse ele com dificuldade, a voz fraca como chá feito com saquinho usado. — Ouvi você falando na língua do monstro. É um milagre!

— Não é — falei, me ajoelhando ao lado dele. — Acabou. Já perdi o dom.

— Se está no seu interior, é para sempre.

Passos e vozes ecoaram pelo vão da escada rolante. Afastei cacos de vidro para poder passar a mão por baixo do homem dobrável.

— Você vem com a gente — falei.

— Me deixem — resmungou ele. — Eu já vou morrer...

Ignorando-o, passei as mãos por baixo de seu corpo e o levantei. Ele era do tamanho de uma escada, mas leve como uma pena, e o segurei no colo como quem pega um bebê grande, as pernas magricelas pendendo entre meus braços enquanto a cabeça pendia do meu ombro.

Duas pessoas desceram ruidosamente os últimos degraus da escada rolante e pararam, envoltas pela luz pálida do dia e olhando atentamente para a escuridão recém-encontrada. Emma apontou para o chão, e nos ajoelhamos em silêncio, na esperança de que não nos vissem, de que fossem apenas civis que tivessem chegado para pegar o metrô, mas então ouvi o chiado de um walkie-talkie, e os dois acenderam lanternas. Os dois feixes de luz se refletiram no colete de segurança que ambos usavam.

Eles podiam estar ali atendendo a um chamado de emergência, ou ser acólitos disfarçados. Eu não tinha certeza até que, em sincronia, eles tiraram os óculos largos.

Claro.

Nossas opções tinham acabado de se reduzir à metade. Agora havia apenas os trilhos, os túneis. Feridos como estávamos, nunca seríamos mais rápidos que eles, mas fugir ainda era possível se não nos vissem, e ainda não tinham nos visto em meio ao caos da estação em ruínas. As lanternas duelavam pelo chão.

de um etéreo também desapareceu. A dor era como um lamento agudo, e, quando ela abrandou, descobri outro som oculto por baixo, um murmúrio nos limites da consciência.

Uma palavra.

Eu mergulhei por ela. Agarrei-a com os dois braços. Juntei energias e a gritei com toda a força de um arremessador de beisebol profissional. *Ele*, falei, em uma língua que não era a minha. Foi apenas uma palavra, mas continha volumes de significado, e no momento em que ela ecoou da minha garganta, o resultado foi instantâneo. O etéreo parou de correr — parou imediatamente, chegando a derrapar no piso —, depois se virou bruscamente para um lado e arremessou uma língua, que se projetou até a outra extremidade da plataforma e envolveu três vezes a perna de um acólito. Desequilibrado, ele deu um tiro que ricocheteou no teto, depois foi virado de cabeça para baixo e erguido no ar, se debatendo e gritando.

Meus amigos demoraram um pouco para perceber o que tinha acontecido. Enquanto estavam ali parados, boquiabertos, e o outro acólito gritava alguma coisa no walkie-talkie, ouvi as portas do trem se abrindo atrás de mim.

Era nossa hora.

— VAMOS! — gritei.

E eles foram. Emma correu mancando, com Addison se emaranhando entre seus pés, e eu tentando enfiar o magro e alto homem dobrável, todo escorregadio por causa do sangue, entre as portas estreitas. Por fim, caímos todos juntos dentro do vagão.

Mais tiros foram disparados. O acólito atirava às cegas, tentando acertar o etéreo.

As portas começaram a se fechar, mas tornaram a abrir.

Favor liberar as portas, anunciou uma simpática voz de gravação.

— Os pés dele! — disse Emma, apontando para os sapatos na extremidade das pernas compridas do homem dobrável.

Eu me apressei a chutar seus pés para soltá-los, e, nos segundos intermináveis até que as portas tornassem a se fechar, o acólito pendurado disparou mais tiros a esmo até que o etéreo se cansou dele e o jogou contra a parede, na qual ele deslizou para o chão em uma pilha inerte.

O outro acólito saiu correndo para a saída. *Ele também*, tentei dizer, mas era tarde demais. As portas estavam se fechando, e, com um arranco estranho, o trem se pôs em movimento.



“Tenso, emocionante e maravilhosamente estranho (...) As fotografias e o texto se combinam de forma brilhante, criando uma história inesquecível.”

— JOHN GREEN, autor de *A culpa é das estrelas*, sobre *O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares*

ISBN 978-85-8057-966-6



9 788580 579666

www.intrinseca.com.br